

Noite. Da mágoa o espírito noctâmbulo
Passou de certo por aqui chorando!
Assim, em mágoa, eu também vou passando
Sonâmbulo... sonâmbulo... sonâmbulo...

Que voz é esta que a gemer concentro
No meu ouvido e que do meu ouvido
Como um bemol e como um sostenido
Rola impetuosa por meu peito a dentro?!

.....

Se eu pudesse ser puro! Se eu pudesse,
Depois de embebedado dêste vinho,
Sair da vida puro como o arminho
Que a cabeça dos velhos enbranquece!

Por que cumpri o universal dictame?!
Pois se eu sabia onde morava o Vício,
Por que não evitei o precipício
Estrangulando minha carne infame?!

Até aqui temos mostrado, com as palavras do próprio poeta, o desfecho infeliz de um drama amoroso que padeceu na mocidade, porque a sua história êle mesmo conta veladamente no *Eu*. Mas há muita composição poética que êle não quis incluir nesse livro imortal.

Entre os poemas divulgados nos jornais da Paraíba e não incluídos na edição *princeps* do *Eu*, há um soneto com o título *Súplica num Túmulo*, que fôra estampado em *O Comércio*, de 18-5-1902. Esse soneto, que Augusto dos Anjos deixou esquecido, foi transcrito por De Castro e Silva no seu livro *Augusto dos Anjos — Poeta da Morte e da Melancolia*, Editôra Guairá, sem data, p. 131. Finalmente reproduzido na 30ª edição do *Eu*, p. 264. Vem a tempo de provar que a infeliz môça, vítima do seu amor, se chamava Maria e não Amélia, como pretende Ademar Vidal. Diante de um túmulo, que não fala, chora o poeta a sua desventura nesta comovida confissão de culpa:

Maria, eis-me a teus pés. Eu venho arrependido
Implorar-te o perdão do imenso crime meu!
Eis-me, pois, a teus pés, perdoa o teu vencido,
Açucena de Deus, lírio morto do Céu!